



UMA EXPERIÊNCIA DE OFICINA PEDAGÓGICA DE POESIA SLAM EM PROL DA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Mariely Zambianco Soares Sousa
Docente da Rede Municipal de Ensino

Resumo: O presente texto trata-se de um relato de experiência enquanto professora substituta de História em turmas de 2º ano do Ensino Médio em uma escola municipal de Três Lagoas-MS, onde se realizou uma sequência de aulas com oficinas pedagógicas pautadas na educação étnico-racial, sendo que enfatizaremos a execução e resultados da oficina de Poesia Slam.

Palavras-chave: Educação Étnico-racial. Diversidade. Oficinas Pedagógicas. Poesia Slam.

Introdução

“A poesia é uma arma de ataque e defesa”
Sérgio Vaz

Este texto se configura em um relato de experiência da autora enquanto professora substituta de História durante o segundo semestre de 2016, em duas turmas de 2º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Afonso Pena, localizada na região central da cidade de Três Lagoas-MS. Apesar de as ações poderem ser consideradas pontuais na medida em que se desenvolveram no espaço de três meses, e da dificuldade de dimensionar os resultados e avaliar seu impacto em médio e longo prazo entre os estudantes; ainda assim, é possível considerar a relevância dessas ações tanto para os estudantes, que atingiram os objetivos propostos, quanto para a professora em sua formação profissional.

Nesse sentido, com o intento de atender à lei 10.639/03 sobre o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, foram pensadas oficinas, interligadas em uma sequência de aulas, com temáticas étnico-raciais. Integraram um projeto-piloto

sobre a Consciência Negra, desenvolvido conjuntamente com professores de outras disciplinas, como artes e filosofia, no decorrer do semestre e que culminou em exposições temáticas nas salas de aula no Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro.

Essas oficinas, que dialogaram teoria e prática no espaço de uma a duas aulas, direcionando os estudantes no processo de reflexão e geração de conhecimento, contemplaram temáticas diferenciadas como a dança de *Samba de Coco* (cultura afro-brasileira); confecção de *Bonecas Abayomi* (por meio da qual se discutiu a travessia dos escravizados pelo Atlântico); confecção de *máscaras africanas* (partindo da discussão sobre etnias Kuba do território correspondente hoje à República Democrática do Congo, e sobre o processo de colonização europeia); *Hip Hop* estadunidense e a contracultura; *Contos Africanos* dos países de língua portuguesa a partir do moçambicano Mia Couto; e por fim escrita de *Poesia Slam*. Para tanto, foi necessária a contribuição de professores/pesquisadores convidados que expuseram sobre as temáticas.

Todavia, este texto centrar-se-á na oficina de Poesia Slam ministrada pela presente autora, que abordou esse subgênero da poesia marginal de destaque nas periferias dos grandes centros, como a cidade de São Paulo, como plataforma para problematizar a questão racial e expor as concepções de estudantes do interior sul-mato-grossense acerca de processos históricos de geração e perpetuação de desigualdades raciais.

Fundamentos de uma prática em prol da diversidade

Levando em consideração que as orientações curriculares da escola para os anos finais da Educação Básica direciona o ensino de temáticas concernente à colonização da África pelos europeus, à Diáspora Africana, à Colonização, à luta dos negros no Brasil e formação cultural brasileira, etc.; partimos do Referencial Curricular do Ensino Médio do Mato Grosso do Sul (2012), da Secretaria de Estado de Educação, segundo o qual

O espaço escolar reúne os pilares fundamentais para a fomentação dos princípios de solidariedade, do respeito e da cidadania, portanto, o currículo da escola precisa assegurar uma educação circunscrita no âmbito da multiculturalidade e da promoção do reconhecimento da riqueza representada pela diversidade humana, em suas singulares trajetórias, potencializando o desfazer de todas as formas de preconceito, discriminação e racismo colocados na sociedade (MATO GROSSO DO SUL, 2012, p. 33).

Nesse sentido, a abordagem dessas temáticas contempladas na base curricular é definidora de um ensino que se constitui em prol da diversidade, atendendo também à

lei fruto da reivindicação do Movimento Negro, Lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e da Cultura Africana e Afro-brasileiras nas escolas.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, estabelecida em 2004 pela Resolução nº 1, de 17 de junho, que tem o intuito de “ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira” (BRASIL, 2004, p.17), esta é uma forma de garantir a educação aos negros, de valorizar sua história e cultura e reparar danos decorrentes do processo de escravização e da discriminação.

Todavia, mais que a proposta de um ensino que se baseie na diversidade, é necessário que a comunidade escolar, assim como o professor constitua uma prática pedagógica pautada na criticidade e preocupação com a realidade, afinal, discutir as questões raciais “Não se trata apenas, portanto, de ‘matizes indígenas, africana e europeia na formação do povo brasileiro’: as identidades nacionais e outras são História em aberto, elas continuam seu permanente fazer-se e exigem explicações críticas” (FONSECA E SILVA, 2010, p.23).

É partindo dessas ponderações que se fazia necessária uma metodologia que possibilitasse, em diferenciada situação de aprendizagem, o ensino reflexivo de uma variedade de conteúdos em um espaço curto de tempo e o desenvolvimento de habilidades. Para tanto, servimo-nos da concepção de *oficinas pedagógicas*, de caráter experimental, que incluem atividades de produção, assim concebidas por Candau:

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sócio dramas, a análise de acontecimentos, a leitura e discussão de textos, a realização de vídeo debates, o trabalho com diferentes expressões da cultura popular , etc, são elementos presentes na dinâmica das oficinas (CANDAU, 1999, p.11).

Foram pensadas processualmente, englobando uma sequência de aulas cujos principais objetivos eram a aprendizagem dos fatores da vinda dos povos africanos para o Brasil; reconhecimento dos preconceitos e estereótipos eventualmente carregados pelos estudantes acerca da produção de conhecimento no continente africano, valorizando a diversidade cultural e étnica no continente; conhecimento e respeito às manifestações culturais africanas e afro-brasileiras aumentando a autoestima dos

afrodescendentes; e aprendizagem de conceitos históricos como Atlântico Negro, Afrodescendência, Colonização e Descolonização, Identidade Cultural, etc.

Ressaltamos, portanto, a importância do planejamento e do seu refazer, de “articular conhecimento, competências e valores, com a finalidade de capacitar os alunos a utilizarem-se das informações para a transformação de sua própria personalidade, assim como para atuar de maneira efetiva na transformação da sociedade” (CAINELLI, 2012, p.171).

Com o objetivo de estimular a capacidade artística e criativa dos estudantes, bem como a criticidade por meio da produção de poesias, após uma sequência de aulas discutindo temáticas diferenciadas em oficinas, tiveram acesso a vídeos de performances de poesia slam, do grupo Slam Resistência ¹, com a temática racial, publicados no canal do Youtube “Sociedade dos Poetas Livres” ². A proposta era que em dupla escrevessem uma poesia, a partir das características apontadas para a modalidade do Slam, e que organizássemos uma Batalha de Slammers (poetas marginais) para o fim do bimestre e os que tivessem mais aplausos ganhariam a competição.

A poesia é uma expressão artística por meio da qual podemos participar da sociedade expondo nossas opiniões, visões, vivências e sentimentos, dessa forma parte da realidade social de quem escreve. Nesse mesmo sentido se configura a Poesia Slam.

Segundo Almeida (2017), Poesia Slam ou Slam Poetry é uma plataforma de atuação baseada em performances públicas no formato de poesia falada (Spoken Word). É declamada em ambientes públicos, predominantemente em batalhas de slammers com duração de no máximo 3 minutos cada apresentação e os juizes é o público. Faz parte da cultura do Hip Hop na medida em que muitos slammers são também MC's que criam as letras dos raps.

Para Almeida, no texto “A construção da Slam Poetry: Aspectos Ideológicos nas escolhas lexicais para uma poesia de Resistência”, disponível em seu site³, escrever esse tipo de poesia requer atentar-se para os aspectos que a compõe:

- 1) Aspectos linguísticos – poética baseada na oralidade (discurso informal, uso de gírias, palavrões, diálogo com o público);
- 2) Aspectos sonoros – ritmo/musicalidade do rap;
- 3) Aspectos ideológicos – é expressão da vida, da realidade vivenciada pelos autores.

É um tipo de poesia urbana considerada marginal por se personificar nas periferias, distantes dos cânones literários e por ter aderência dos grupos minoritários da sociedade que a utilizam como plataforma de protesto. Os poetas (slammers) escrevem em um discurso informal, sobre sua própria condição na sociedade.

Dessa forma, o Slam é uma expressão da vida desses poetas marginais que unem a arte à política, denunciando as mazelas de sua sociedade, principalmente as condições dos moradores de periferia, a falta de subsídios do Estado, os preconceitos vivenciados diariamente (racismo, machismo, homofobia, etc), a opressão das classes dominantes, a exploração da classe trabalhadora. Ou seja, é uma forma dos poetas imprimirem seu olhar sobre o mundo, suas opiniões, vivências, sentimentos e desejos.

Além disso, cabem apresentarmos condições que também influíram na projeção e execução das atividades, apresentadas pelo contexto. Trata-se do espaço escolar, sendo que devemos atentar para a riqueza de suas dimensões culturais:

Diante do exposto, faz-se necessário destacar a importância de se procurar apreender, pelos sujeitos estudados, a cultura e o seu saber local, bem como as diferentes formas de penetração dessa cultura no cotidiano da vida escolar e da sala de aula. A descrição compreensiva das características sócio históricas e culturais da cidade, vila, bairro ou aglomerado onde a escola se localiza torna-se, pois, essencial para contextualizar as questões culturais e os grupos sociais examinados, em um universo mais amplo (CASTRO e SANTOS, 2012, p.73).

Sendo assim, valem da observação de que grande parte dos estudantes eram jovens de classe média, que apesar de estudarem numa escola central, muitos viviam em bairros mais afastados e estavam conscientizados acerca das disparidades sócio espaciais que refletem a desigualdade social em uma cidade cujo discurso hegemônico é de desenvolvimento. Por tratar-se também de uma unidade que atendia alunos especiais, principalmente surdos, havia acesso a tecnologias e materiais não tão usuais para outras unidades, como projetores, o que favorecia o trabalho a partir de diversas tipologias de fonte como filmes, documentários, imagens, músicas, etc.

Todavia, além dos aspectos estruturais destaco a colaboração e envolvimento de professores, coordenadora, diretoras e outros funcionários da escola, que numa perspectiva de gestão compartilhada contribuíram de diversas formas, no cotidiano escolar, com as atividades efetuadas.

Portanto, ao refletir a experiência enquanto professora substituta quanto à vivência escolar, estou abarcando a indicação de que o olhar do pesquisador deve-se dirigir “para os processos mais particulares e contingentes da escola, privilegiando as análises culturais do cotidiano, os acontecimentos, as interações sociais, as relações de poder, as vivências escolares e os saberes construídos, reproduzidos e transformados no seu interior” (CASTRO E SILVA, 2012, p.74).

Foram principalmente essas vivências e saberes que oportunizaram a realização do trabalho aqui analisado, na medida em que este atendeu às carências dos estudantes quanto à aprendizagem de procedimentos, atitudes e habilidades, muito mais do que os conteúdos conceituais; e possibilitando sua autonomia e maior dinâmica no processo de aprendizagem que se deu, sobretudo, de maneira crítica.

A Poesia Slam como plataforma para o ensino de História

Fonseca e Silva (2010), ao discutir a situação do ensino de história hoje, as rupturas e permanências em relação ao período da ditadura, aponta alguns problemas a serem combatidos como a desvalorização da História, a fragmentação dos currículos, a má formulação dos conteúdos dos livros didáticos e a formação cheia de lacuna de professores.

Para a autora que aqui vos fala, como professora observadora, há a necessidade de problematizá-los, pensando no fazer cotidiano, refletindo a prática enquanto profissional em constante formação, para que haja comprometimento com um ensino de História que desenvolva as competências objetivadas para a formação dos alunos. Para isso, é destaque o “caráter formativo da História na constituição da identidade, da cidadania, do (re) conhecimento do outro, do respeito à pluralidade cultural e da defesa do fortalecimento da democracia” (FONSECA; SILVA, 2010, p. 18).

Seguimos os aspectos apontados pelos autores, como a fragmentação dos currículos, que tangenciam as questões étnico-raciais imergindo-as e secundarizando-as entre outras temáticas. Para combater essa fragmentação partimos de conceitos como Diáspora Negra pra trabalhar conteúdos da História do Brasil e do Continente Africano. Quanto aos conteúdos dos livros didáticos, esclarecemos que as leituras eventualmente feitas foram direcionadas no sentido de que os alunos reconhecessem os textos e imagens enquanto representações e, portanto, constatassem a forma como os povos

negros são tratados. Já no que tange à formação profissional do professor, buscou-se preencher as lacunas ao trazer professores convidados que expusessem a partir de suas especialidades de pesquisa.

As ações efetuadas durante as aulas fizeram parte de uma prática pedagógica cotidiana. Nesse sentido, apesar de escolhermos aqui descrever a construção das poesias pelos alunos, esta só foi possível graças à continuidade de um processo que se fundamentava nessa concepção de um caráter formativo da História. É por meio dessas poesias que a professora avaliou o que o autor anterior pontuou, principalmente o reconhecimento do outro e respeito à pluralidade cultural.

Posteriormente, destaco quatro poemas para examinarmos, dois de cada turma:

Texto 1:

Não é porque é negra
Que não tem educação
Negra não veio ao mundo para
Limpar o seu chão
Então você pensa que ela vai servir
A escravidão
Que você vai passar por ela e vai ver decepção
Ei...deixa eu ti falar
Não é pela cor da pele
Que ela vai deixar de lutar
Todos nós somos iguais, branco, negro ou pardo
Não importa a cor
O que importa é ser guerreira e lutar com amor
Amor é o que falta em você
E de pessoas na sociedade
Em que tanto hoje agem com maldade

Texto 2:

Eu sou preto, eu sou branco
Eu sou aquela sociedade crítica
Que tem fôlego ou vida
Que esta em todo canto
E não, isso não é motivo de espanto
Eu não entendo o porque da diferença
Subjugar um "pretinho"
Pé de todody, neguinho
Só por causa de sua crença
Cor, presença, inocência
Mais não é bem assim
Tem culturas, belezas

Tradições, natureza
Não é só poeira
É duro o que esconde
A televisão brasileira
Sociedade, sociedade
Como assim está perdida
Aquela diversidade
Obtida em cada País
Estado, continente, cidade
Fazer o que, se não é
O que nos diz
Pra falar bem a verdade
Acima mais que a realidade
A vida nos ensina
Algo que é bem importante
Que é nunca desistir
Nem ganhar nem perder
Mais procurar evoluir
A todo instante
Vida não é apenas obtida
Adquirida, querida
É escolhida, sangue corre em nossas veias
Coração bombeia
A planta semeia
A vida, a alheia
Sua pele, sua classe
Seu cabelo, sua classe
Pare com esse pensamento
Pare de viver no passado
Já estou indignado nesse mundo
Que parece um jogo
Apenas vivemos de fases
Porém não sou o Mário
Eu não sou negro
Eu não sou branco
Eu sou a voz do povo
Eu sou um ser humano
Nossa luta é constante
Por isso aumenta o alto falante
Se me definisse como lua
É claro que
Eu seria minguante.

Texto 3:

O racismo traz amargura
Se achando no direito
Todo mundo tem defeito
De pele branca ou escura
Pra se ter alma pura
É preciso confiança

Sem haver desigualdade
Deus criou a humanidade
À sua imagem e semelhança.
E em vez de olharmos para a pele,
Vamos todos olhar para o coração!
E ver o outro como ser igual
Não como um ladrão!
As pessoas não querem ver,
Não querem ter a noção
Que temos de lutar em conjunto
Para combater a discriminação.
Se afinal somos todos iguais
Porque preconceito?
Se buscamos a paz
Se queremos direito.

Texto 4:

- Que atrevimento dessa preta
Gente sem qualidade
Não sabe o lugar dela
Dentro da sociedade
Como tem coragem de se dirigir até a mim
Podia muito bem ser minha empregada
Mas pode ser tão abusada
Vai morrer numa miséria sem fim.

- Sou negra com orgulho
O porquê vou lhe dizer
Posso não ter a sua cor, nem por isso sou menos que você
Mas minha educação não depende da minha cor, pois se fosse
assim
Rá! Você que não seria igual a mim.

- Meu deus! Como pode? Sei que não é culpa do senhor
Esse povo veio à terra, somente para acabar com o meu humor.
E essa moça além de negra é abusada, acha que pode se
comparar a mim.
Quem dera! Você não é nada.

- Olha minha jovem
O racismo traz amargura
Se achar no direito
Todo mundo tem defeito
De pele branca ou escura
Pra ter a alma pura
É preciso confiança
Sem haver desigualdade
Deus criou a humanidade.

Apesar da contribuição dessa atividade para o desenvolvimento da escrita dos estudantes, habilidade imprescindível para a disciplina de História, ainda assim não atentamos durante a avaliação aos erros gramaticais, às escolhas lexicais e domínio da linguagem. Nossa intenção era diagnosticar uma aproximação com o conhecimento científico, a capacidade de demonstrarem sua aprendizagem ao observarem a sociedade ao seu redor quanto às desigualdades raciais, mesmo tendo demonstrado em alguns momentos juízos de valores baseados em uma mentalidade cristã ao invés de argumentos científicos. Seguimos as Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais, segundo a qual:

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas (BRASIL, 2004, p.15).

Pudemos constatar o reconhecimento da interligação entre o racismo e a desigualdade econômica, já que as consequências de séculos de escravidão como a desigualdade de oportunidades dificultou, por exemplo, o acesso de afrodescendentes à educação e a possibilidade de ascensão social.

Constatamos também a forma como se posicionaram em relação ao preconceito, inclusive enquanto sujeitos em grande maioria negros, já que a sala era formada em sua totalidade por pretos e pardos. É o que se percebe no texto 1 em que o eu-lírico faz uma defesa à mulher negra, vista como empregada em continuidade à escravidão, mas enfatiza a mensagem de que essa personagem continuará a resistir, que a luta continua acima da diferença de cores.

No texto 2, além da diferença de tratamento entre negros e brancos, o eu-lírico refere-se à televisão brasileira que omite informações, os pensamentos e vivências que se mantêm no passado (uma referência do preconceito como retrógrado) e, por fim, fala de um povo que não é negro nem branco (associação à miscigenação brasileira), fechando com uma metáfora emblemática quanto a isso, a da lua minguante.

O texto 3 é um questionamento aos motivos da desigualdade e da discriminação. Já o 4 se configura em um diálogo entre uma mulher branca e uma mulher negra. Os dois partem da informação da não existência de raças, e sim de uma humanidade comum.

Esses quatro textos foram os poemas que os estudantes construíram durante a oficina, aprimorando posteriormente, e que tiveram mais aplausos na Batalha de Slammers efetuada ao final do bimestre. Além de uma aprendizagem crítica dos conteúdos históricos e do desenvolvimento da capacidade escritora e de trabalho em grupos, o mais significativo enquanto professora foi a possibilidade de compartilhar com estudantes uma vivência escolar singular.

Considerações Finais

A experiência aqui relatada é de execução de oficinas pedagógicas em prol da educação étnico-racial e seus resultados parcialmente identificados e refletidos. Além disso, ressaltamos o caráter descritivo do texto quanto às ações efetuadas, já que a reflexão esteve presente durante toda a prática, mas é na escrita que estrutura-se e sistematizam-se, mesmo que superficialmente, os saberes, por intermédio da linguagem.

Partimos da modalidade de oficinas pedagógicas para averiguar sua aplicabilidade e contribuição para a aprendizagem dos estudantes, o que de fato ocorreu no que concerne aos objetivos atingidos de reconhecimento das desigualdades sociais e os processos que a geraram, como a escravização dos povos africanos.

Assim, foi enfatizada a oficina final, de Poesia Slam, durante a qual os estudantes, em grupos, produziram poemas que refletissem os conteúdos trabalhados durante as aulas e apresentassem durante uma simulação de Batalha de Slammers realizada no final do bimestre. As situações de aprendizagem possibilitadas resultaram em uma experiência ímpar e significativa, tanto para a professora quanto para os estudantes.

Notas

¹ Grupo criado em 2013 por um grupo de amigos artistas vinculados ao RAP (Ritmo e Poesia, em inglês, um dos elementos da cultura Hip Hop), de posicionamento político anarquista, que traz a proposta de trabalhar com três temas: a causa negra, feminista e LGBT. Disponível em: <https://www.facebook.com/slamresistencia/>

² Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCnIV15a3DMcdO73-x0CGXig>

³ Disponível em: <http://www.danielgtr.com/textos-academicos.html>

Referências

ALMEIDA, Daniel Carvalho de. *Poesia de resistência na escola pública: compromisso ético e formação de identidade*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. 2004.

CAINELLI, Marlene. *A escrita da história e os conteúdos ensinados na disciplina de História no Ensino Fundamental*. Educação e Filosofia Uberlândia, v.26, n.51, jan./jun., 2012.

CANDAU, Vera Maria. *Educação em Direitos Humanos: uma proposta de trabalho*. Novameria/PUC-Rio – 1999. Texto da Rede Nacional de Direitos Humanos, disponível no site da DHNET, no endereço www.dhnet.org.br/educar/cartilhas/oficinas/part1.htm

CASTRO, C. B. de; SANTOS, M. P. dos. *As relações entre escola e cultura sob o olhar da sociologia da educação: uma abordagem sistêmica*. Imagens da Educação, v. 2, n. 3, p. 69-78, 2012.

FONSECA, Selma Guimarães; SILVA, Marcos Antônio da. *Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas*. Revista Brasileira de História: São Paulo, v. 31, nº 60, p.13-33, 2010.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação (SED/MS). Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul Ensino Fundamental. Campo Grande, MS 2012.